

Batalha Naval do Riachuelo: 150 anos de uma vitoriosa Operação Conjunta da Marinha e do Exército do Brasil*

Naval Battle of Riachuelo: 150 years of a victorious Joint Operation between the Brazilian Navy and Army

André Cezar Siqueira

Coronel da reserva do Corpo de Engenharia. PTTC no CEPHiMEx/DPHCEX. Possui os Cursos da AMAN(1982), EsAO(1991), ECEME(2004), CPEAEx(2008) e MBA Executivo/FGV(2008).

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o quadro geral da vitoriosa operação conjunta realizada pela Marinha e o Exército do Brasil, na Batalha Naval do Riachuelo, no dia 11 de junho de 1865. A operação conjunta é toda aquela realizada por duas ou mais forças armadas, sem unidade de comando. O ataque a Corrientes, no dia 25 de maio de 1865, numa operação conjunta do Brasil com a Argentina, impôs a Solano Lopez a necessidade de atacar a força naval brasileira que, em junho de 1865, estava em frente à Corrientes, praticamente na retaguarda da força terrestre invasora paraguaia, que se deslocava pela margem esquerda do Rio Paraná. Assim, 2.287 combatentes brasileiros, sendo 1.113 da Marinha e 1.174 do Exército, embarcados nos nove navios de nossa esquadra, ao sofrerem o ataque paraguaio, no domingo de 11 de junho de 1865, escreveram uma das páginas mais gloriosas da história militar naval do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Operações Conjuntas, Brasil, Marinha, Exército, Riachuelo

ABSTRACT

The purpose of the following article is to present the general framework of the successful joint operation carried out by the Brazilian Navy and Army on the naval Battle of Riachuelo, on June 11th, 1865. Joint operations are those carried out by two or more armed forces, without a commanding unit. The attack on Corrientes on May 25th, 1865, led by a joint operation between Brazil and Argentina, urged Solano Lopez to attack the Brazilian naval force which on June, 1865, was in front of Corrientes, almost at the rear of the invading Paraguayan land force, that was marching by the left bank of Paraná River. 2.287 Brazilian combatants, 1.113 from the Navy and 1.174 from the Army, were boarded on the nine ships of our fleet. As they suffered the Paraguayan attack on a Sunday, June, 11th, 1865, they wrote one of the most glorious pages of Brazilian Navy history.

KEYWORDS: Joint Operations, Brazil, Navy, Army, Riachuelo

* Artigo recebido em 20 de abril de 2015 e aprovado para publicação em 01 de junho de 2015.

INTRODUÇÃO

No dia 11 de junho de 1865, domingo da Santíssima Trindade, passados sete meses do início da Guerra da Tríplice Aliança (GTA) contra o Paraguai, e com uma temperatura local de 10°C, duas Divisões da nossa Esquadra, compostas pelos vapores: Amazonas, *Parnahyba*, *Araguary*, *Iguatemy* e Mearim (2ª Divisão) e Jequitinhonha, Beberibe, Belmonte e *Ypiranga* (3ª Divisão), sob o comando do Almirante Barroso, encontravam-se ancoradas, postadas em coluna, na margem direita do Rio Paraná, do lado do Chaco Argentino, mais ou menos equidistantes da cidade de Corrientes e das barrancas do Rio Riachuelo, ambas na margem esquerda. Dos nossos navios podia-se ver aquela cidade, mas não a bateria de 22 canhões colocados e camuflados pelos paraguaios nas margens do Riachuelo, que lhes ficavam fronteiras.

O vapor Amazonas tinha desfraldado no mastro o pavilhão do chefe Barroso; a Jequitinhonha, a insígnia do Capitão de Mar e Guerra Gomensoro, imediato no comando e também comandante da 3ª Divisão. Toda a nossa força naval atingia o total de 59 bocas de fogo e de 2.287 combatentes, inclusive oficiais de mar e terra, sendo 1.113 da Marinha e 1.174 do Exército, que se achavam a bordo para qualquer operação de desembarque.

Ninguém esperava o inimigo: os nossos vasos de guerra estavam com os seus fogos abafados, tranquilamente ancorados. Às 8:30 horas da manhã os oficiais preparavam-se para almoçar. Nesse momento, o vigia do mastro de proa da canhoneira Mearim gritou: "Esquadra inimiga pela proa!" O comandante desse navio, 1º Tenente Elisário Barbosa, mandou içar o sinal de "Inimigo à vista", percebido imediatamente pelo navio-chefe Amazonas, que deu logo a ordem para despertar os fogos abafados.

Com efeito, era a esquadra inimiga, com 8 navios, que avançava, descendo o Rio Paraná à toda força, em coluna, rebocando 6 chatas, as baterias flutuantes. A bordo dos nossos navios, todos ocuparam seus postos e a Artilharia foi guarnecida sem perda de tempo. O navio-chefe içou o sinal de "Suspender e preparar para o combate". Iniciava-se, assim, uma das mais gloriosas páginas

da Marinha do Brasil, um perfeito exemplo de uma bem sucedida operação conjunta dessa força singular com o Exército Brasileiro: a Batalha Naval do Riachuelo.

Este artigo tem por objetivo apresentar o quadro geral da vitória nesta batalha das forças de mar e terra do Brasil, ocorrida há 150 anos, em homenagem a todos os bravos que nela construíram a eternidade gloriosa da história nacional.

DESENVOLVIMENTO

Operações Conjuntas na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai

O Almirante Armando de Senna Bittencourt, em seu artigo "Operações Conjuntas e Combinadas na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai", que se encontra disponível em [www.eceme.ensino.eb.br/cihm/Arquivos/PDF Files/45.pdf](http://www.eceme.ensino.eb.br/cihm/Arquivos/PDF%20Files/45.pdf), traçou um paralelo entre a Guerra Civil Americana (GCA), de 1861 a 1864, e a GTA, demonstrando que ambas se caracterizaram pela importância das operações combinadas ou conjuntas – o termo depende de haver ou não unidade de comando na operação – entre Marinha e Exército.

O Almirante Bittencourt escreveu que a principal estratégia empregada pelos vencedores dessas guerras foi o bloqueio, pois na bacia do Mississipi e na do Paraná-Paraguai, a logística e as operações militares dependeram fortemente dos rios dessas regiões, e apresentou os principais desenvolvimentos tecnológicos e táticos surgidos durante a GCA, e aplicados na GTA: navios encouraçados com propulsão exclusivamente a vapor para operar em rios; a mina naval; balões para observação e foguetes.

Na fase inicial da guerra, o presidente da República Argentina, General Bartolomeu Mitre, exercia o Comando-Geral dos Exércitos Aliados. As Forças Navais do Brasil não estavam diretamente subordinadas a ele, pois se havia intencionalmente previsto no Tratado da Tríplice Aliança, de 1º de maio de 1865, que não haveria essa subordinação. O Visconde de Tamandaré, Almirante Joaquim Marques Lisboa, exercia o comando das Forças Navais Brasileiras, que representavam

praticamente a totalidade do Poder Naval presente no Teatro de Operações, e não estava subordinado ao comando das Forças Terrestres brasileiras. Portanto, as operações em que participavam forças navais e terrestres eram operações conjuntas, ou seja, sem unidade de comando.

Antecedentes da Batalha Naval do Riachuelo

Em 10 de abril de 1865, o Almirante Tamandaré notificou os agentes diplomáticos consulares estrangeiros em Montevideu e em Buenos Aires que as divisões da esquadra brasileira sob seu comando iam operar contra o Paraguai. Tamandaré era, provavelmente, dos oficiais-generais mais antigos presentes no início do conflito, o que tinha maior experiência em operações com forças navais e terrestres, e era conhecido o desejo que alimentava o vice-almirante em manter a bordo de seus navios, reforçando o contingente de Fuzileiros Navais, Unidades do Exército. Assim, em 27 de abril de 1865, com a necessária autorização do 2º Visconde de Caramuru, ministro da Guerra, e mediante solicitação de Tamandaré, a 9ª Brigada, sob o comando do Coronel João Guilherme de Bruce, embarcou em Montevideu em navios da Esquadra rumo a Buenos Aires, onde o almirante-chefe das Forças Navais do Império se aprestava para operar no Rio Paraná.

Formava esta Grande Unidade:

- Comando e Estado-Maior da Brigada;
- 9º Batalhão de Infantaria, do Tenente-Coronel José da Silva Guimarães;
- Corpo de Guarnição do Espírito Santo, do Major João Batista de Souza Braga;
- 12º Corpo de Voluntários da Pátria, do Tenente-Coronel em comissão João José de Brito, tropa originária do Corpo de Polícia da Província do Rio de Janeiro;
- Contingente do 1º Batalhão de Infantaria, com o Major Francisco Maria dos Guimarães Peixoto;
- Contingente do 1º Batalhão de Artilharia a pé, com o Tenente Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza;
- Contingente do Batalhão de Engenheiros.

Em 28 de abril, sob as ordens do Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso da

Silva, futuro Barão do Amazonas, partiram de Buenos Aires a fragata Amazonas, sua capitânia, a corveta *Parnahyba* e a canhoneira *Ivahy*, conduzindo a bordo a tropa da 9ª Brigada de Infantaria. Barroso rumou para o Rio Paraná onde, após incorporar os navios que lá se achavam, levou em reconhecimento a Esquadra até a região das Três Bocas. Desde 10 de maio já se encontrava em Bela Vista a 3ª Divisão da Esquadra Imperial, sob o comando do Capitão de Mar e Guerra José Secundino de Gomensoro, que havia partido de Buenos Aires em 11 de abril, composta das corvetas Jequitinhonha, que levava arvorada a sua insígnia, Beberibe e Belmonte, e as canhoneiras *Araguary*, *Iguatemy*, *Ypiranga*, *Itajahy*, *Meirim* e o Navio-Transporte *Peperiguaçu*.

Em 20 de maio, em Bela Vista, Barroso assumiu o comando de toda a Força Naval, repartindo entre as unidades que estavam com Gomensoro parte da força da 9ª Brigada de Infantaria, equilibrando assim as guarnições das corvetas e canhoneiras. Encontrou também fundeada em Bela Vista a pequena esquadilha argentina composta dos vapores *Pampeiro*, *Pavon* e *Espigador*, aos quais se juntaram goletas carregadas de munições e os navios que transportavam uma força de 1.200 praças, com um parque de artilharia, às ordens do General Venceslau Paunero.

O primeiro objetivo dessa Força Conjunta brasileira e argentina foi a retomada da cidade argentina de Corrientes, ocupada desde 14 de abril por 1.500 paraguaios comandados pelo Major Martinez, que dispunha de três bocas de fogo. Para esse fim, as duas Esquadras suspenderam de Bela Vista na manhã de 24 de maio. Os navios fundearam às 16:00 horas à vista do Rincão do Soto, realizando-se uma conferência entre Barroso e Paunero, para acertar os pormenores da ação em terra.

O ataque contra Corrientes foi fixado para o dia 25 de maio, quinta-feira, em comemoração à data nacional da Argentina. O desembarque argentino e brasileiro iniciou-se às três e meia da tarde, dele participando uma Ala (duas Companhias) do 9º Batalhão de linha, sob o comando do Capitão Pedro Afonso Ferreira, e duas peças de artilharia, do 1º Batalhão de Artilharia, comandadas

pelo 1º Tenente Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza. A luta terminou por volta das 17:30 min, repelindo-se o destacamento formado pelos 9º e 24º Batalhões paraguaios, que tiveram 520 mortos e 80 prisioneiros, além da perda de suas 3 bocas de fogo. A tropa de Paunero teve: mortos, 4 oficiais e 58 soldados; feridos, 19 oficiais e 130 praças. A tropa brasileira teve 5 praças mortas e 6 feridas.

Após essa vitória, o General Paunero, sabendo que os paraguaios haviam recebido reforços, decidiu evacuar a região de Corrientes, o que fez na noite de 26 de maio, e na manhã de 27, auxiliado pela canhoneira *Itajahy*. Esse golpe de mão de Paunero teve um efeito moral maior que o dano material que causara, pois o General paraguaio Robles, logo em seguida, retraiu suas forças de Bella Vista e Goya para o norte, cerrando para a região de Corrientes.

Assim, o ataque a Corrientes mostrou para os paraguaios o perigo do flanco exposto à projeção de poder naval para sua coluna de exército, que ocupava território argentino e avançava para o sul, pela margem esquerda do Paraná, provavelmente buscando o contato com a província argentina de Entre-Rios. Era, então, impositivo derrotar a força naval brasileira que, em junho de 1865, estava em frente à Corrientes após o reembarque das tropas aliadas, praticamente na retaguarda das forças terrestres invasoras. Dessa maneira, Solano Lopez planejou atacar nossa esquadra, para assegurar o domínio na região de Corrientes e Entre-Rios.

Lopez partiu de Assunção para Humaitá, aonde chegou no dia 9 de maio, a bordo do *Taquary*. Na região encontravam-se os vapores de guerra *Paraguay*, *Igurey*, *Jejuy*, *Ypora*, Salto Oriental, Rio Blanco, Pirabebe e *Marquez de Olinda*, prontos para o combate, levando a bordo tropas escolhidas e rebocando seis baterias flutuantes, conhecidas como chatas. A guarnição da frota paraguaia era superior a 2.500 homens. Levava um total de 41 canhões nos navios (7 de 68, 3 de 80 e 31 de 18 a 32 libras), mais os 6 das chatas rebocadas (4 de 68 e 2 de 80 libras), e que com os 22 das baterias de Riachuelo (de 6 a 32 libras) perfaziam 69 bocas de fogo, mais o apoio de 2 baterias de foguetes a Congreve em terra. Além disso, Lopez

contava com a fuzilaria de 2.000 infantes de Robles nas barrancas de Riachuelo e Santa Catarina e de grande número de atiradores paraguaios, que passariam para as ilhas fronteiras, e dali hostilizariam fortemente os nossos navios em ocasião oportuna. Assim, eram três andares de verdadeiras baterias, que iam bater e deviam inutilizar os vasos de guerra brasileiros. Ao lume d'água estavam as seis baterias flutuantes e os atiradores estendidos na ilha de Palomera e adjacentes. A três ou quatro metros de altura, as 41 peças dos oito navios paraguaios e a fuzilaria de suas guarnições. A 14 metros de altura, o tiro mergulhante das baterias do Coronel Bruguez e a mosquetaria de 2.000 infantes e de numerosos esquadrões de cavalaria, que acompanhavam os movimentos da nossa esquadra antes das baterias até além da volta da ponta de Santa Catarina, atirando por cima dos navios paraguaios. Lopez, ao passar revista geral à sua esquadra, tinha a convicção da vitória e ouvia com prazer as afirmações de seus oficiais, que haviam de trazer-lhe, diziam eles, a esquadra brasileira aprisionada.

O Capitão de Fragata Pedro Ignácio Meza era o comandante da esquadra paraguaia, sendo o seu imediato o Comandante Cabral. Suas ordens eram: descer o rio pela meia-noite de 10 para 11 de junho, navegar ao longo da margem Correntina e largar as seis chatas que trazia a reboque junto à barranca do Riachuelo; depois, voltando rio acima, procurar, ao amanhecer do dia 11, atacar repentinamente os navios brasileiros, por meio de abordagem, e capturá-los; caso não surpreendesse a esquadra brasileira, deveriam voltar combatendo rio abaixo e apoiarem-se nas baterias de Riachuelo e na artilharia das chatas, atraindo os brasileiros para o fogo destas desconhecidas posições. As ordens planejadas não ocorreram, pois a esquadra paraguaia, além dos oito navios que combateram em Riachuelo, trazia o Rio Blanco com uma numerosa tripulação, e que conduzia os materiais necessários à abordagem. Este navio encalhou na descida, acima de Corrientes, e perdeu-se tempo na tentativa de desencalhá-lo, o que não aconteceu. Este fato tornou impossível o plano de um ataque de surpresa, fazendo

com que os paraguaios cruzassem a bores-te (lado direito) da esquadra brasileira, por volta das 8:30 horas de 11 de junho.

Esta Força Naval brasileira, sob o comando do Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso da Silva, compunha-se da 2ª Divisão, formada por cinco unidades (*Amazonas*, *Parnahyba*, *Iguatemy*, *Araguary*, *Mearim*), e da 3ª Divisão, comandada pelo Capitão de Mar e Guerra José Secundino de Gomensoro, e constituída de 4 unidades (*Jequitinhonha*, *Beberibe*, *Belmonte* e *Ypiranga*). Estas 9 unidades apresentavam as seguintes características:

– Fragata *Amazonas* (de rodas), de 6 bocas de fogo (4 canhões obuses de calibre 68, terceira classe, em bateria; 1 rodízio de 68, segunda classe, e 1 peça raiada de 70, *Withworth*, em rodízio); potência de 300 HP; comprimento de 188 pés; boca de 31 pés; calado de 14 pés. Comandante: Capitão de Fragata Theotonio de Brito; Imediato: Capitão-Tenente Delfim de Carvalho. Guarnição: 462 homens, sendo 149 praças da armada (incluindo o chefe Barroso e 14 oficiais); e a tropa de 313 praças do Exército (incluindo o comandante da 9ª Brigada, Coronel Bruce, e 9 oficiais), composta pelo Estado-Maior e as 3ª, 4ª e 5ª Companhias do 9º Batalhão de linha e a 4ª Companhia do 12º Corpo de Voluntários (ex-Corpo de Polícia da Província do Rio de Janeiro).

– Canhoneira *Parnahyba* (a hélice), de 7 bocas de fogo (4 canhões de 32 em bateria, 2 rodízios de 68, e 1 peça raiada de 70 *Withworth*); potência de 120 HP; comprimento de 164 pés; boca de 24 pés; calado de 9 pés. Comandante: Capitão-Tenente Garcindo de Sá; Imediato: 1º Tenente Felipe Chaves. Guarnição: 263 homens, sendo 141 praças da armada (incluindo o Comandante e 8 oficiais); 122 praças do Exército, incluindo o Comandante do Destacamento (Tenente-Coronel José da Silva Guimarães), 7 oficiais e as 1ª e 6ª Companhias do 9º Batalhão.

– Canhoneira *Iguatemy* (a hélice), de 5 bocas de fogo (2 canhões de 32 em bateria, 3 rodízios de 68); potência de 80 HP; comprimento de 145 pés; boca de 22 pés; calado de 7,5 pés. Comandante: 1º Tenente Macedo Coimbra; Imediato: 1º Tenente Oliveira Pimentel. Guarnição: 213 homens, sendo

96 praças da armada (incluindo o Comandante e 5 oficiais); e 117 praças do Exército, incluindo o Comandante do Destacamento (Tenente-Coronel J. J. de Brito), o Major Antônio Luís Bandeira Gouvêa (fiscal do 12º de Voluntários), 5 oficiais e as 1ª e 3ª Companhias do 12º de Voluntários.

– Canhoneira *Araguary* (a hélice), de 4 bocas de fogo (2 canhões de 32 em bateria, 2 rodízios de 68); potência de 80 HP; comprimento de 146 pés; boca de 22 pés; calado de 7,5 pés. Comandante: 1º Tenente Antonio Luiz Von Hoonholtz, mais tarde Barão de Tefé; Imediato: 1º Tenente J. Candido dos Reis. Guarnição: 172 homens, sendo 89 praças da armada (incluindo o comandante e 7 oficiais); e 83 praças do Exército, incluindo o comandante do Destacamento (Tenente Silva e Sá), 5 oficiais e a 2ª Companhia do 9º Batalhão de Infantaria.

– Canhoneira *Mearim* (a hélice), de 7 bocas de fogo (4 canhões de 32 em bateria, e 3 de 68 em rodízio); potência de 100 HP; comprimento de 150 pés; boca de 23 pés; calado de 7,5 pés. Comandante: 1º Tenente Eliziario Barbosa; Imediato: 1º Tenente Pires de Miranda. Guarnição: 192 homens, sendo 125 praças da armada (incluindo o comandante e 6 oficiais); e 67 praças do Exército, incluindo o comandante do Destacamento (Capitão Antonio José da Cunha), 3 oficiais e demais integrantes da 5ª Companhia do 12º Corpo de Voluntários.

A 9ª Brigada havia, assim, fornecido 702 homens às cinco unidades da 2ª Divisão, entre os quais 35 oficiais.

– Corveta *Jequitinhonha* (a hélice), capitânia da 3ª Divisão, de 8 bocas de fogo (6 canhões de 32 em bateria, e 2 de 68 em rodízio); potência de 130 HP; comprimento de 175 pés; boca de 26 pés; calado de 12,5 pés. Comandante: Capitão-Tenente J. J. Pinto; Imediato: 1º Tenente Lucio de Oliveira. Guarnição: 286 homens, sendo 120 homens da armada, incluindo o comandante da 3ª Divisão (Chefe Gomensoro), o comandante da Corveta e 9 oficiais; e 166 praças do Exército, incluindo o 1º Batalhão de Infantaria com seu comandante (Major Francisco Maria dos Guimarães Peixoto), e 5 outros oficiais.

– Corveta *Beberibe* (a hélice), de 7 bocas de fogo (6 canhões de 32 em bateria, e

1 rodízio de 68, 3ª classe); potência de 130 HP; comprimento de 168 pés; boca de 27 pés; calado de 11 pés. Comandante: Capitão-Tenente Bonifacio de Sant'Anna; Imediato: 1º Tenente E. Przewodowski. Guarnição: 324 homens, sendo 178 praças da armada, incluindo o comandante e 8 oficiais; e 146 praças do Exército, sendo 110 do Corpo de Infantaria da província do Espírito Santo, e 36 do 1º Batalhão de Artilharia, incluindo o Comandante do Corpo Major João Batista de Souza Braga e 7 oficiais.

– Corveta Belmonte (a hélice), de 8 bocas de fogo (4 canhões de 32 em bateria, 3 de 68 em rodízio, e 1 peça raiada de 70 Withworth em rodízio); potência de 120 HP; comprimento de 168 pés; boca de 24,5 pés; calado de 9,5 pés. Comandante: 1º Tenente J. F. de Abreu; Imediato: 1º Tenente F. Goulart Rollim. Guarnição: 204 homens, sendo 109 praças da armada (incluindo o comandante e 5 oficiais); 95 praças do Exército, incluindo o comandante do Destacamento (Capitão Antônio dos Santos Rocha), o comandante do 1º Batalhão de Artilharia (Tenente de Artilharia Tibúrcio de Souza), integrantes do 12º Corpo de Voluntários (2ª Companhia) e do 1º Batalhão de Artilharia (2 oficiais).

– Canhoneira *Ypiranga* (a hélice), de 7 bocas de fogo (6 canhões de 30, em bateria, 1 rodízio de 30); potência de 70 HP; comprimento de 145 pés; boca de 22 pés; calado de 9,5 pés. Comandante: 1º Tenente Álvaro de Carvalho; Imediato: 1º Tenente J. Candido dos Reis. Guarnição: 171 homens, sendo 106 praças da armada (incluindo o comandante e 7 oficiais); e 65 praças do Exército, incluindo o comandante do Destacamento (Tenente Corrêa de Andrade), 3 oficiais, e integrantes do 12º Corpo de Voluntários (6ª Companhia).

A 9ª Brigada havia, assim, fornecido 472 homens às quatro unidades da 3ª Divisão, entre os quais 22 oficiais.

O Almirante Ignacio Joaquim da Fonseca, em seu livro “A Batalha de Riachuelo” (Editora Lambaerts, Rio de Janeiro, 1883) referiu-se às esquadras brasileira e paraguaia como duas enormes serpentes, ou dois formidáveis cetáceos a fumegarem pelo dorso a fuligem da raiva que, em fogo, levavam nas entranhas, para a luta espantosa e terrível em que deviam se empenhar corpo a corpo.

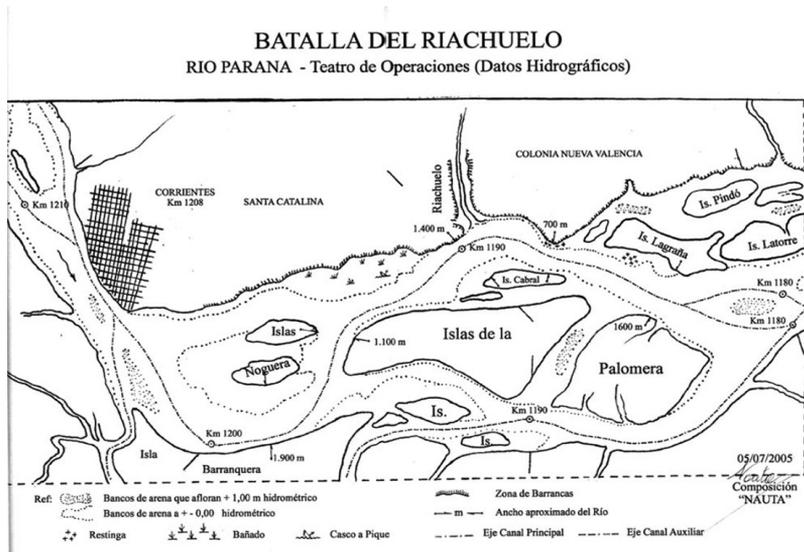
E este combate mortal, conforme bem escreveu o Almirante Prado Maia em seu livro “A Marinha de Guerra do Brasil na Colômbia e no Império” (José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1965), ocorreu com bom tempo, uma ligeira brisa do nordeste, e com o Rio Paraná baixando e levando os camalotes, como a desejar bem varrido o teatro em que se ia ferir, pela primeira vez, uma batalha entre duas esquadras a vapor.

Quadros descritivos e comentários gerais da Batalha Naval do Riachuelo

Com o objetivo de facilitar a descrição e a visão geral dos principais acontecimentos do dia 11 de junho de 1865, foram colhidos os quadros existentes no site www.histarmar.com.ar/ArmadasExtranjeras/Paraguay/RiachMapas.htm, no idioma espanhol. A observação acurada das imagens possibilita ao leitor a compreensão adequada dos notáveis feitos perpetrados por nossos bravos marinheiros e soldados nesta memorável jornada.

O Quadro 1 mostra a caracterização geral do espaço geográfico de transcurso dos combates. De acordo com a descrição do 1º Tenente Antonio Luiz Von Hoonholtz, comandante da Canhoneira Araguay, em seu livro “Batalha Naval de Riachuelo”, o referido autor afirma que o Rio Paraná apresentava-se longo e correndo por algumas milhas mais ou menos norte-sul e depois nordeste-sueste, com pequenas saliências e reentrâncias do lado correntino, sendo essa margem formada mais abaixo por barrancos cobertos de espesso arvoredo. No ponto em que o rio mais se estreitava, entre o grupo de ilhas Las Palomeras e a ponta de Santa Catarina, a alta barranca deste nome era separada da que vinha de Corrientes por uma quebrada em que corria um riacho: o Riachuelo. Foi nesse trecho de difícil navegação, acrescentou Von Hoonholtz, num canal tortuoso, entre dois bancos perigosíssimos, que a esquadra de Barroso se bateu um dia inteiro, sempre em contínuas evoluções. Ao sul do canal, o rio libertava-se dos embaraços que o estorvavam, e oferecia uma bacia favorável à navegação, sob o nome de Lagraña.





Quadro 1

O Quadro 2 apresenta o posicionamento e a movimentação das esquadras brasileira e paraguaia, conforme relatos do 1º Tenente Antonio Luiz Von Hoonholtz, comandante da *Araguary*.

Da análise da batalha, conclui-se que houve um momento em que a ação esteve indecisa: quando a *Parnahyba*, encalhada, se debatia contra 3 vapores paraguaios. Tínhamos nessa ocasião mais 2 vapores encalhados: a corveta *Jequitinhonha* e a canhoneira

Belmonte, que estava ameaçada de soçobrar. Com os movimentos livres tínhamos apenas 6 vapores. Nesse momento, a liderança, iniciativa e maestria naval do Almirante Barroso se fizeram presentes, tornando o curso da batalha favorável ao Brasil, a partir das 14:00 horas. Quando a Amazonas acabou de inutilizar o quarto vapor paraguaio, obrigando a tripulação das chatas

a lançar-se ao rio, já os 4 vapores inimigos que se salvaram, dirigidos por Cabral, iam em fuga, a grande distância, perseguidos pela *Beberibe* (Comandante Bonifacio de Sant'Anna) e, mais de perto, pela *Araguary* (Comandante Von Hoonholtz); mas a noite começava, e com as avarias que haviam todos sofrido, desistiu-se da caça. A navegação do Paraná não é tão fácil que se pudesse aventurar uma perseguição à noite, com o risco de encalhar e sem nenhuma



Recopilación de "Nauta Artesanía"

Quadro 2

probabilidade de alcançar os fugitivos. Além disso, era preciso acudir à Jequitinhonha, à Belmonte, à *Ypiranga* (esta última querendo socorrer a primeira também encalhara) e à *Parnahyba*, que muito se danificara com o combate desigual que sustentou.

A parte oficial de Barroso, escrita no dia seguinte ao da batalha, disse que tivemos, entre mortos e feridos, de 180 a 190 homens, sendo 80 ou 90 os mortos, mas depois que recebeu as partes oficiais dos diferentes comandantes, verificou que a nossa perda fora superior. Tivemos 245 homens fora de combate, sendo: 87 mortos, dos quais 7 oficiais; 138 feridos, dos quais 8 oficiais; e 20 extraviados. Destes 245 homens fora de combate, 126 pertenciam à Marinha, com 49 mortos (5 oficiais), 62 feridos (6 oficiais) e 15 extraviados; e 119 ao Exército (9ª Brigada do Coronel Bruce), sendo 38 mortos (2 oficiais), 76 feridos (2 oficiais) e 5 extraviados (entre eles o Alferes de Polícia Pacheco de Miranda, cujo cadáver foi encontrado dias depois).

O número de tiros de artilharia disparados pelos navios de nossa esquadra foi o seguinte: Amazonas (325), *Parnahyba* (300), *Iguatemy* (235), *Araguary* (250), Mearim (260), Jequitinhonha (530), Beberibe (256), Belmonte (125), *Ypiranga* (270). O número de tiros de mosquetaria disparados pela tropa embarcada da Marinha e do Exército foi calculado em aproximadamente 75.000.

As perdas paraguaias foram elevadas. Destruímos 4 vapores de sua esquadra: a *Jejuy*, o *Marquez de Olinda*, o Salto Oriental e a *Paraguay*. Metemos a pique 2 chatas, uma das quais foi salva depois, e tomamos 4 outras com a competente artilharia. A *Jejuy* submergiu-se logo com o choque da Amazonas, mas, não acontecendo o mesmo com os 3 outros inutilizados, ficamos por algum tempo senhores deles, com a artilharia que montavam. O destacamento que guardava o Salto Oriental, ao mando do Guarda-Marinha A. H. da Fonseca (da *Parnahyba*), abandonou esse vapor na noite de 11 de junho, porque ia a pique. A *Paraguay* foi guardada até o dia 14 de junho por uma força destacada da *Ypiranga*, às ordens do 1º Tenente J. Candido dos Reis. No dia 14 foi incendiado esse vapor, e no dia 17 incendiámos também o *Marquez de Olinda*.

Raros foram os tripulantes dos 4 vapores destruídos que escaparam, e, estando os navios inimigos com as guarnições muito reforçadas, compreende-se bem que os 4 que se salvaram deviam ter sofrido perdas consideráveis no pessoal. Em terra tivera Bruguez também grandes perdas, pois a sua bateria teve de calar-se à tarde. Não se pode, com efeito, avaliar em menos de 1.500 os paraguaios que morreram a bordo dos seus navios e na abordagem da *Parnahyba*, bem como os que se afogaram, quando destruídos os vapores e chatas, e os que ficaram feridos e prisioneiros.

Entre os troféus da batalha foram recolhidas as bandeiras e flâmulas do *Marquez de Olinda*, pelo comandante da *Araguary*, Von Hoonholtz (futuro Barão de Tefé), do Salto Oriental, pelo 1º Tenente Pestana (da guarnição da *Parnahyba*), e da *Paraguay*, pelo 1º Tenente J. Candido dos Reis (da *Ypiranga*).

A leitura dos Relatórios da batalha, expedidos pelo Almirante Barroso e pelos comandantes dos navios da nossa esquadra, possibilita avaliar o quadro geral dos combates e a atuação conjunta dos militares da Marinha e do Exército nacionais. Partes significativas dos referidos relatórios estão transcritas a seguir, extraídas do livro "Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai" (BIBLIEX, 1983, Volume 2, TOMO II, páginas 137 a 141), do General Paulo de Queiroz Duarte.

O Almirante Barroso escreveu que os comandantes se portaram bem, e que o "...Coronel João Guilherme Bruce, comandante da Brigada, já conhecido por sua bravura, me coadjuvou, fazendo dirigir a tropa aos lugares que mais convinha para ofender o inimigo".

O Capitão-de-Fragata Theotônio Raymundo de Brito, comandante da Amazonas, escreveu que "...cumpro também o agradável dever de informar a V. Exa. que os oficiais e mais praças do Exército destacadas a meu bordo me auxiliaram grandemente, com fuzilaria e trabalhando no rodízio de ré".

O Capitão-Tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, comandante da *Parnahyba*, escreveu que "...apenas guarnecido o segundo rodízio de bombordo, que disparou dois tiros de metralha, toda a guarnição defendeu a

abordagem, inclusive as 1ª e 6ª Companhias do 9º Batalhão de Infantaria destacados a bordo desta corveta, sob as ordens do seu distinto comandante, o Tenente-Coronel José da Silva Guimarães. (...) Nesta luta heroica em que cada oficial, marinheiro e soldado cumpriu com o dever de verdadeiro brasileiro, muitas vidas preciosas foram sacrificadas no altar da pátria. (...) O Capitão do 9º Batalhão de Infantaria Pedro Affonso Ferreira e o Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalg sucumbiram defendendo o pavilhão nacional, que chegou a ser arriado por um oficial do *Taquary*, conseguindo depois apoderar-se do leme, tendo sido acutilada nessa ocasião quase toda a guarnição do 4º rodízio (de ré) que heroicamente lutou contra as hordas dos nossos inimigos, que superiores em número apossaram-se da tolda... içado agora o nosso pavilhão e serenados os ânimos, vimos então que nessa luta heroica em que muitos jogavam as armas pulso a pulso, bastantes tinham sido as vítimas que com seu denodo concorreram para tornar memorável nos anais da Marinha brasileira o dia 11 de junho de 1865. (...) Entre eles não posso deixar de mencionar o bravo Tenente do 9º Batalhão de Infantaria Feliciano J. de Andrade Maia, que sustentou-se no seu posto até cair desfalecido pelos golpes do inimigo, tendo-se até então conservado como verdadeiro baluarte brasileiro. A sua memória deve ser conservada como um brasão de honra e alto crédito para o Exército Imperial. (...) O contingente do 9º Batalhão de Infantaria, composto das 1ª e 6ª Companhias, sob o imediato comando do muito distinto Tenente-Coronel José da Silva Guimarães, portou-se como era de esperar de soldados brasileiros. Entusiasmo no ato da abordagem, valor e esforço denodado na luta travada braço a braço com o inimigo, excedem o melhor elogio. (...) Foram incansáveis em bem dirigir os seus subordinados o Capitão Timoleão Peres de Albuquerque Maranhão, o Tenente Leopoldo Borges Galvão Uchôa e Alferes Francisco de Paula Barros. São ainda dignos de elogio os Alferes Pedro Velho de Sá Albuquerque e Francisco Barreto de Sá Junior. No mesmo caso se acham o 1º Sargento Cadete Quartel-Mestre Luiz José de Souza, o 1º Cadete 2º Sargento Luiz Francisco de P. Albuquerque Maranhão".

O 1º Tenente Justino José de Macedo Coimbra, comandante da *Iguatemy*, escreveu que "...durante este combate encarniçado todos os oficiais, quer da Marinha, quer da tropa, bem como a guarnição e soldados, portaram-se com muita dignidade e coragem, e, graças a isso, sustentei sempre com o inimigo um fogo vivíssimo".

O 1º Tenente Antonio Luiz Von Hoonholtz, comandante da *Araguary*, escreveu que "...antes de concluir, peço permissão a V. Exa. para felicitá-lo pela intrepidez e sangue frio com que se portaram os oficiais, tanto da Armada como do Exército pertencentes a esta canhoneira, bem como toda a sua guarnição, excetuando o soldado do 9º Batalhão José Augusto Gomes, que fiz meter a ferros na coberta por se haver portado mal".

O 1º Tenente Eliziario José Barbosa, comandante da Mearim, escreveu que "...os oficiais e mais praças desta canhoneira e o contingente do Corpo Policial cumpriram bem o seu dever. O Capitão do Corpo Policial Antonio José da Cunha e os Alferes Firmino José de Almeida e João Carlos de Mello e Souza tornaram-se dignos de menção pela atividade e boa direção que deram ao contingente daquele Corpo".

O Capitão-Tenente Joaquim José Pinto, comandante interino da Jequitinhonha, escreveu que "...os Srs. oficiais da Armada e mais classes, e bem assim os do contingente do 1º Batalhão de Infantaria do Exército, marinheiros e soldados, portaram-se em seus postos com muito valor e sangue frio. Sendo todos dignos de admiração, pois o fogo que sofremos foi vivíssimo".

O Capitão-Tenente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna, comandante da Beberibe, escreveu que "...as praças do Corpo de Guarnição do Espírito Santo, que estão destacadas neste vapor, também merecem ser louvadas por terem seguido o exemplo do seu bravo comandante o veterano Major João Batista de Souza Braga, que esteve em seu posto de honra todo o tempo que durou o combate".

O 1º Tenente Joaquim Francisco de Abreu, comandante interino da Belmonte, escreveu que "...devo declarar a V. Exa. que os oficiais ...muito me coadjuvaram ...e o mesmo devo dizer dos capitães Antonio dos Santos Rocha e Antonio Muniz Telles de

Sampaio, do Corpo Policial no que diz respeito a sua gente, e do Sr. Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza que com a prática que tem de artilharia e com o destacamento de que é digno comandante, auxiliado pelos Srs. Cadetes Leovigildo Cavalcanti de Mello e Miguel Maria Gerard, prestou serviços reais, e portou-se com o valor que em Corrientes já uma vez mostrou”.

O 1º Tenente Alvaro Augusto de Carvalho, comandante da *Ypiranga*, escreveu que “...a conduta dos meus oficiais, e praças do Corpo Policial destacadas a bordo, está acima de qualquer elogio. O Alferes do Depósito D. Faustino José da Silveira, o Tenente do Corpo Policial João Corrêa de Andrade e os alferes do mesmo Corpo Antonio Firmino da Costa e José Joaquim Rodrigues de Araujo portaram-se muito bem e dirigiram o fogo de mosquetaria com muita ordem. O Alferes Costa é um oficial de muito sangue frio e julgo-o capaz de se encarregar de qualquer comissão em que se necessite um oficial calmo e enérgico”.

E para homenagear os bravos militares brasileiros, o Governo Imperial, em Decreto nº 3.529, de 18 de novembro de 1865, criou uma Medalha destinada a distinguir os oficiais, praças e classes anexas da Armada Nacional que tomaram parte no Combate Naval de Riachuelo, travado contra a esquadra paraguaia em 11 de junho de 1865. Em Decreto nº 3.548, de 29 de novembro de

1865, referendado pelo Ministro da Guerra, Angelo Muniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguaiana, o Governo Imperial estendeu aos oficiais e praças de pré do Exército, que tomaram parte no Combate Naval de Riachuelo, as disposições do Decreto de 18 do mesmo mês e ano. Esse ato do Governo Imperial veio sanar uma injustiça, consequente do total esquecimento de que a bordo dos navios nacionais que se bateram em 11 de junho de 1865 encontravam-se 1.174 combatentes do Exército, reforçando os fuzileiros navais também embarcados.

CONCLUSÃO

A vitoriosa operação conjunta da Marinha e do Exército do Brasil em Riachuelo foi decisiva, pois, conforme bem definiu o Almirante Bittencourt, garantiu o bloqueio à navegação do Paraguai e o consequente corte do apoio logístico da esquadra daquele país às suas tropas, permitindo ao Brasil e seus aliados o uso pleno dos rios da Bacia do Prata, que eram as principais vias de acesso ao teatro de operações e às regiões do interior do país. Além disso, mostrou aos argentinos e uruguaios simpatizantes de Lopez o risco que correriam com sua participação no conflito, pois aquela não seria mais uma guerra rápida, com boa probabilidade de vitória do Paraguai. Conforme o Almirante Bittencourt bem definiu, “Riachuelo mudou o curso da guerra”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, v. 1, v.2 (tomo 2), 1981-89.

FONSECA, Ignacio Joaquim da. *A Batalha de Riachuelo*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1883.

HOONHOLTZ, Antonio Luiz Von. *Batalha Naval de Riachuelo*. Rio de Janeiro: Livraria GARNIER Irmãos, 1910.

JOURDAN, Emílio Carlos. *História das Campanhas do Uruguay, Matto-Grosso e Paraguay*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1º Volume, 1893.

PRADO MAIA, João do. *A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

SCHNEIDER, L. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguay*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1º Volume, 1902.

